



## GUERRA NO LESTE EUROPEU

Danos na ponte que liga a Rússia à região da Crimeia podem comprometer o abastecimento do Exército e se somam a uma série de reveses sofridos por Moscou. Governo ucraniano não reivindica autoria, mas autoridades comemoram estragos

# Explosão em símbolo da investida russa

Uma explosão na ponte da Crimeia, considerada infra-estrutura chave para a Rússia na guerra contra a Ucrânia, pode levar o confronto, com clima já acirrado, a um novo patamar. Autoridades russas acusam Kiev de estar por trás do "ataque terrorista", resultando em danos parciais na construção usada por Moscou para o envio de material bélico às suas tropas. O governo ucraniano, por sua vez, não reivindicou a autoria da explosão, mas nomes ligados ao presidente Volodymyr Zelensky a comemoraram. Trata-se de um novo revés em um momento de sucessivas adversidades sofridas pelos adversários.

Imagens de câmeras de segurança mostram uma enorme explosão, na manhã de ontem (madrugada em Brasília), atingindo a ponte sobre o Estreito de Kerch com 19km de extensão. O impacto pareceu ocorrer na passagem de um caminhão branco, identificado pelo Comitê Antiterrorista russo como um "veículo-bomba". Outros registros mostram a linha férrea que passa pela ponte em chamas por dezenas de metros, além de um trecho desabado da estrada. Segundo investigadores russos, sete tanques ferroviários que estavam indo para a Crimeia foram incendiados e três passageiros de um carro que passava pelo local morreram.

Também de acordo com a investigação, o proprietário do caminhão é morador da região de Krasnodar, no sul da Rússia. A informação foi explorada por Kiev. A Presidência ucraniana sugeriu que russos poderiam estar envolvidos no caso. "Convém assinalar que o caminhão que explodiu, segundo todos os indícios, subiu a ponte pelo lado russo. É na Rússia que vocês devem procurar respostas", indicou, em uma nota, Mikhailo Podoliak, conselheiro do órgão.

Podoliak também comentou a explosão da ponte pelo Twitter, indicando que era apenas "o começo". "Tudo que é ilegal deve ser destruído, tudo roubado deve ser devolvido à Ucrânia",

escreveu. Desde que a guerra começou, em 24 de fevereiro, autoridades ucranianas têm sugerido regularmente que querem destruir a ponte. Ontem, na capital, Kiev, pessoas fotografavam uma obra ilustrando a ponte em chamas. O serviço de postagem do país anunciou que prepara um selo para celebrar a ocasião.

As reações foram consideradas pela porta-voz da diplomacia russa, Maria Zakharova, um sinal da "natureza terrorista" das autoridades ucranianas. O deputado russo Oleg Morozov, citado pela agência Ria Novosti, pediu uma resposta "adequada". "Caso contrário, esse tipo de ataque terrorista se multiplicará", justificou. O presidente Vladimir Putin assinou um decreto instruindo o maior segurança para a ponte, bem como para a infraestrutura que fornece eletricidade e gás natural para a península.

### Tráfego retomado

Nos últimos meses, várias pontes na região de Kherson foram atingidas para interromper o abastecimento russo, bem como bases militares na Crimeia. Kiev só assumiu a responsabilidade pelos ataques meses depois. A construção destruída desta vez é considerada um símbolo de prestígio da investida de Moscou na região. Ela foi construída com grande custo por ordem de Putin para ligar a península Crimeia, anexada em 2014 em detrimento da Ucrânia, ao território russo. A obra, inaugurada em 2018, é um dos caminhos mais estratégicos para o envio de equipamentos de guerra para o Exército. Sem ela, a operação demanda um trajeto com pelo menos mais 600km.

As autoridades da Crimeia anunciaram, à tarde, que o tráfego de carros e ônibus foi retomado na única via da ponte que permaneceu intacta, "com procedimentos de inspeção completos". Segundo o Comitê Antiterrorista, duas faixas rodoviárias foram danificadas, mas o arco que atravessa o canal pelo qual os navios viajam entre o

AFF



Ponte foi inaugurada por Putin em 2018, quatro anos depois da polêmica anexação: alvo de "veículo-bomba"

AFF



Em Kiev, fotografias em obra representando a construção em chamas

### » EUA: baixa em reserva bélica

Principal fornecedor de armas para a Ucrânia desde o início da guerra no leste europeu, os Estados Unidos estão com as reservas de artefatos chegando ao limite, indica Mark Cancian, especialista do Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais (CSIS), com sede em Washington. Segundo ele, alguns artefatos, principalmente munições, estão "atingindo os níveis mínimos necessários para os planos de guerra e treinamento" e que não deixem "em risco as próprias capacidades de combate". A estimativa é de que seriam necessários cerca de dois anos para recuperar a reserva anterior. Na terça-feira, Laura Cooper, vice-secretária adjunta do Departamento de Defesa para Rússia, Ucrânia e Eurásia, assegurou que os ucranianos não serão prejudicados.

Mar Negro e o Azov, não. Os caminhões seguirão fazendo a travessia em balsas, e a previsão era de que o fluxo ferroviário fosse retomado na noite de ontem.

Antes da retomada do tráfego, autoridades descartavam possíveis impactos. O líder da península, Serguei Aksionov, disse que a região tinha reservas de combustível para um mês e comida para dois meses. Em dificuldades em Kherson, no sul da Ucrânia, o Exército russo garantiu que o envio de suprimentos a suas tropas não estava ameaçado. "O abastecimento (...) é feito de forma contínua e completa, ao longo de um corredor terrestre e parcialmente por mar", anunciou.

### Recuos em série

Desde o início de setembro, as forças russas são forçadas a recuarem em muitos pontos da Ucrânia. O único campo de

batalha onde, atualmente, elas têm vantagem é perto da cidade de Bakhmut, na região de Donetsk (leste). O cenário levou Putin a decretar, no fim do mesmo mês, a mobilização de centenas de milhares de reservistas e a anexação de quatro regiões ucranianas, embora Moscou as controle apenas parcialmente.

Ontem, logo após a explosão, foi anunciada a mudança no comando da operação na Ucrânia. "O general do Exército Serguei Surovikin foi nomeado comandante do agrupamento combinado de tropas na zona da operação militar especial", anunciou o Ministério da Defesa. Surovikin, 55 anos, até então, liderava o agrupamento das forças "Sul". O nome de seu antecessor nunca foi revelado oficialmente, mas, de acordo com a mídia russa, era o general Alexander Dnornikov, também veterano da segunda guerra chechena.

Paulo Delgado



contato@paulodelgado.com.br

Com Henrique Delgado

## A INCOERÊNCIA DE PUTIN

Uma das figuras mais contraditórias que andam por aí é, seguramente, o presidente russo, Vladimir Putin. O ex-agente da KGB é daqueles líderes que já se meteram em tantas histórias mal contadas que é possível esperar qualquer coisa dele. Quem tem fama deita na cama, já dizia o dito popular. E a fama que colou em Putin ao longo de seus vários anos de poder espetacular tem o mau gosto que inclui desde seus fotografados passeios sem camisa pelas florestas de seu país até ameaçar o mundo com o uso de energia nuclear nos seus conflitos.

Algum tempo atrás, ciente do desgaste de sua imagem, especialmente nos EUA, onde é bem mal visto como valentão, o russo emplacou um distinto e sóbrio artigo no *New York Times* em que buscava "falar diretamente com o povo americano e seus líderes políticos". O artigo procurava trazer "um apelo da Rússia por cautela" da parte dos EUA na forma de lidar com a crise

na Síria. O texto levou para as cordas diplomáticas um até então iminente bombardeio americano sobre o regime de Bashar al-Assad. Na época, o presidente russo queria se retratar com qualidades impensadas.

Putin ressalta em seu artigo que o tempo atual é de "insuficiente comunicação" com os Estados Unidos. No vácuo dessa insuficiência de comunicação formal com os EUA, a imagem de Putin no Ocidente é preenchida por interpretações que acabariam por desaguar na Crimeia e, atualmente, na Ucrânia. Apesar de não ser necessário sair do Brasil para se ter notícia de pessoas que têm suas imagens arditamente apropriadas ao machismo, e a uma certa ilusão de violência como significado patriótico, é claro que o fato de a Rússia ser um país comparativamente bem distante em vários aspectos coopera para a facilidade de se criar embustes verossímeis sobre chefes de Estado inadequados à

aquisição de poder. Afinal, quanto menos se conhece, mais se comenta, mais o que parece é exatamente o que se vê. A tipos como Putin, que é realmente uma figura dada a atitudes que fogem ao bom senso e à retidão, fica difícil imaginar poder democrático onde há devassidão e extremismos.

É surpreendente ter saído, um dia, da boca de Putin a seguinte ideia escrita para o *New York Times* no artigo *Um apelo da Rússia por cautela*: "Em política, é extremamente perigoso encorajar pessoas a se considerarem excepcionais, qualquer que seja o motivo. Há países grandes e países pequenos, ricos e pobres, aqueles que têm longas tradições democráticas, aqueles que ainda estão encontrando seus caminhos para a democracia. Suas políticas também se diferem. Nós somos todos diferentes, mas quando pedimos as bênçãos do Senhor, não devemos esquecer que Deus nos criou iguais".

Não é todo dia que se encontra um artigo de chefe de Estado em jornal privado. São tantas as formas de divulgação de ideias e posicionamentos à disposição do líder de um país que, a princípio, não tem nem muito cabimento se valer desse caminho. Talvez um pouco mais de sentido exista quando se trata de chamar a atenção de audiências além de suas fronteiras sem ter que passar pelos tradicionais intermediários. Mas, mesmo assim, pede o decoro do cargo que use tal artifício com extremo cuidado. A compreensão de que sua imagem no Ocidente já está fortemente marcada pela sua agressividade talvez tenha feito Putin preferir não ficar a expensas de relatos e se comunicar diretamente para mostrar sua face conciliadora. As acusações, na época, de que foi hipócrita em seu texto fizeram ruído, mas não diminuíram o impacto desejado. Não é preciso dizer que o artigo, para os dias de hoje, não tem como ser republicado, porque seria totalmente incoerente e mentiroso.

Relatos sobre a agressividade de Putin para governar o sonho de uma

Rússia imperial são como histórias de governantes que imaginam que se alguém tem algo a perder não são eles. Várias vezes, durante seu longo e interminável mandato, disse com todas as letras que a Rússia não pode tolerar separatismo nem chauvinismo de nenhum grupo dentro do país. E fora também, pelo que se viu com a anexação da Crimeia e o prolongamento da crise geopolítica que culminou com a invasão e guerra na Ucrânia.

O mundo moderno vive uma crescente patologia política, contribuindo para desorganização social. Hoje, falar em defesa da democracia mundial e dentro dos países, como se defendêssemos uma coisa só, sólida e conhecida de várias décadas, é ingenuidade e autoengano. Putin é um grande exemplo da confusão moderna, misturada com armas pesadas e mentiras diárias das redes sociais. Quem quiser falar em defesa da democracia, é melhor começar a atuar sinceramente para recriá-la, ou, como na Rússia, dar um jeito de criá-la.

PAULO DELGADO, sociólogo.